



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietário e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

A alma de Portugal na Cova da Iria

A imponentíssima peregrinação nacional ao augusto Santuário de Nossa Senhora de Fátima — Maravilhosa Epopeia de Fé — Sublime e incomparável poema de Amor — Grande escola de Religião e de patriotismo — Espectáculo único no mundo.

« Já uma vez escrevi, e tenho sempre gosto e honra em afirmar, que o Santuário de Fátima é uma grande escola de Fé e de patriotismo.

Admirável painel medieval ardentemente vivido por almas de hoje, o Santuário de Fátima pelo estilo que o enobrece e pelo fervor que o inflama, tem já um pêso singular em tôda a Cristandade»

Fátima, 13 de Maio de 1929.

Do diário católico «Novidades»

AFONSO LOPES VIEIRA.

As vagas de romeiros — Peregrinações do Patriarcado e do Algarve — Procissão das velas — Adoração nocturna — Reparação nacional — Allocuções do Senhor Bispo de Leiria.

Grandiosa e imponente como nunca, assumindo proporções verdadeiramente colossais, realizou-se, no dia treze de Maio último, a peregrinação nacional ao Santuário Mariano de Fátima, em honra da augusta Rainha do Santíssimo Rosário.

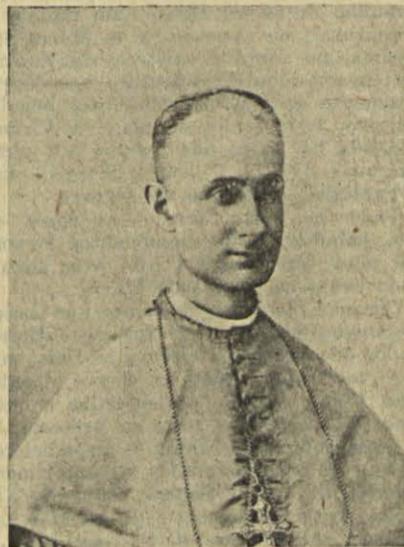
De todos os pontos de Portugal e até dalguns do estrangeiro, sobretudo da Espanha católica e da França cristianíssima, acorreram à Cova da Iria vagas e vagas de romeiros, impulsionados pelo ardor da sua Fé viva e da sua devoção acrisolada para com a Virgem bendita, que ali vem escrevendo, há doze anos, em páginas de ouro de mistérios e de prodígios, de bênçãos e de graças, uma nova epopeia, assombrosa e encantadora, do seu amor maternal. Na véspera, ao cair da tarde, uma multidão compacta já põe uma enorme mancha negra no local das aparições e pelas estradas que lá conduzem circulam muitos milhares de veículos que despejam sem cessar torrentes de fiéis naquele lago imenso, naquele oceano de cabeças humanas.

Entre as peregrinações organizadas que este mês foram a Fátima, merecem especial menção a de Bemfica (Lisboa), dirigida pelo zeloso pároco daquela freguesia, rev.do Francisco Maria da Silva, e a do Algarve, sob a presidência do seu venerando Prelado, D. Marcelino Franco, grande figura de asceta e de santo.

Pouco depois das dez horas da noite, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director dos «servitas», convida pela voz dos altifónios a mole ingente de povo, aglomerado em frente da capela das aparições, a rezar o terço do Rosário, em homenagem à gloriosa Senhora Aparecida.

Extinto o eco dos últimos ramos da Ladaíña Lauretana, que se recitou depois do terço, a multidão principia a movimentar-se. Meia hora mais tarde, o espectáculo que oferece a Cova da Iria é único e indescritível. São dezenas, são centenas de milhar de fachos luminosos, empunhados pelos peregrinos, são gigantescas serpentes de fogo coleando pelas extensas avenidas e perdendo-se no horizonte dis-

tante, são milhares de coros cantando simultaneamente, em tôdas as gradações de tons, o Ave de Lourdes, é um incêndio colossal abrasando nas suas chamas todo o vasto recinto dos santuários. Dir-se-ia que as estrelas do céu, caindo na Cova da Iria, a tinham transformado de repente num firmamento da terra. Passava pouco da meia noite quando, reunida de novo a grande massa de povo, então em frente da capela das missas, de tôdas as bocas irrompe, como um hino de triunfo, o canto solene do Credo. Momento incomparável,



Sua Excelência Rev.ª e Sr. D. Marcelino António Maria Franco, venerando Bispo do Algarve, que presidiu à numerosa peregrinação daquela diocese, em Maio último

em que a alma da Pátria, representada ali pelo seu escol intelectual e moral, depunha o tributo da sua fé avita aos pés da nobre Padroeira, para que Ela o apresentasse por suas mãos benditas junto do trono do Altíssimo!

A marcha triunfal da procissão das velas em honra da gloriosa Virgem do Rosário, segue-se o preito de amor, glória e reparação a Jesus-Hóstia, exposto num trono de luzes e de flores, no altar-mor da Capela das missas. Sobre a montanha sagrada de Fátima, no centro geográfico

do nosso querido Portugal, o Divino Rei de Amor recebe as homenagens de seus filhos, que a Ele recorrem cheios de confiança por meio de Maria. Aos ouvidos de todos soam ainda as palavras da Virgem, na última aparição à humilde e inocente pastorinha de Aljustrel, a vidente Lúcia, quando lhe disse: «Não ofendam mais a Nosso Senhor, que está muito ofendido; rezem o terço do Rosário». E! preciso reparar a justiça divina, irritada com os pecados dos homens. E o terço rezado, meditado e vivido é, depois da imolação do Cordeiro sem mancha na ara santa, a mais perfeita de tôdas as reparações, o desagravo por excelência indicado pela Rainha do Céu.

E por isso, deante de Jesus-Hóstia, a multidão imensa vai rezar o psaltério de Maria, em turnos sucessivos de adoração, para converter os raios da justiça divina em mananciais de graça, em caudais de bênção, em torrentes de misericórdia.

Ao primeiro turno, presidido pelo Senhor Bispo de Leiria e consagrado à reparação nacional, sucedem mais três turnos: o da peregrinação de Lisboa, o de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho) e o de Carvide e Oliveirinha.

Por motivo de força maior, a peregrinação do Algarve, composta de quatrocentas pessoas, só pôde chegar ao local das aparições depois da meia-noite. A Santíssima Virgem de-certo aceitou benignamente o sacrifício dos piedosos romeiros, que não tiveram a dita de tomar parte na procissão nocturna, e transformou-o em chuva de bênçãos sobre as suas almas e a do seu venerando Antístite.

Durante a primeira hora de adoração, o Senhor Bispo de Leiria presidiu à recitação do terço, meditando os mistérios gozosos em formosíssimas allocuções doutrinais, palpitantes de actualidade, repassadas de sentimento e notáveis pela elevação das ideias e pelo brilho da forma literária. O Venerando Prelado falou por seis vezes, pedindo no fim pelo Santo Padre Pio XI, felizmente reinante, que se recomendou às orações dos peregrinos de Fátima, por Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, que igualmente se recomendou às orações dos fiéis neste dia, pelo venerando Episcopado português e dum modo especial pelo Senhor Bispo do Algarve, ali presente. Rezou também

pela mãe do rev.do pároco de Buarcos, falecida no desastre de Ourém.

As confissões dos Peregrinos — Missa dos servitas e escoteiros — Missa da Comunhão Geral — Vinte seis mil comunhões — Ondas de luz e rajadas de som — O dr. Luis Fisher, lente da Universidade de Bamberg (Baviera)

Na véspera à tarde e durante toda a noite e toda a manhã do dia treze, eram inúmeros os fiéis que se apinhavam junto das portas da Igreja da Penitenciária para se aproximarem do Sagrado Tribunal. Quantas almas, nessas horas benditas de resgate, se rehabilitariam perante Deus, despindo a túnica manchada do pecado para se vestirem da estola puríssima da divina graça? Mistério de misericórdia e de amor, que só conhece Aquelle que preseruta os segredos dos corações!

A's cinco horas, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos celebra o Santo Sacrifício da Missa, a que assistem e comunicam os servitas e os escoteiros, que teem de começar a exercer as suas funções às primeiras horas da manhã. A's seis horas, o Senhor D. Marcelino Franco, venerando Bispo do Algarve, sobe ao altar para celebrar a missa da Comunhão geral. Vinte sacerdotes, revestidos de estola e sobrepeliz e acompanhados cada um por acólitos com velas, dirigem-se, de cibório na mão, para o meio da esplanada, afim de administrar o Pão dos Anjos aos fiéis preparados com a confissão sacramental. Espectáculo profundamente tocante!

Jesus, nosso Deus e nosso Pai, escondido no seu Sacramento de Amor, passeia por entre os seus filhos e, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem.

Dezenas de lâmpadas eléctricas, cuja inauguração fôra honrada na véspera com a presença do Senhor Presidente da República, General Carmona, que na central eléctrica do Santuário poz a trabalhar o motor depois de benzido pelo Senhor Bispo de Leiria, projectavam feixes de luz suavíssima sobre o vasto anfiteatro da Cova da Iria, ao mesmo tempo que poderosos megafónios levavam ao longe e ao largo as vozes de comando, as invocações, as preces e os cânticos.

O dr. Luis Fisher, professor na Universidade de Bamberg (Baviera), que tinha

vindo de propósito a Portugal para assistir a essa extraordinária manifestação de Fé e piedade e estudar o facto assombroso de Fátima, não podia ocultar a sua intensa comoção, traduzida por lágrimas mal contidas que lhe marejavam os olhos.

Para o diário católico de Lisboa «*Novidades*», escreveu elle as palavras que a seguir reproduzimos e que dão bem a medida da funda impressão produzida no seu espirito pela grandiosidade das scenas a que assistiu: «Creio que este espectáculo é único no mundo! Assisti, em 1925, à canonização de Santa Terezinha do Menino Jesus, em S. Pedro de Roma, calculando em oitenta mil o número de assistentes. Isso, porém, parece-me bem pouco em comparação desta multidão, cheia de espirito de sacrificio para com a Santíssima Virgem, cheia de fé no Santissimo Sacramento! O que há de mais belo, quanto a mim, é ver Jesus caminhando, levado pelos sacerdotes, por entre os seus fiéis e os seus doentes, abrasados no desejo de O receber no seu Sacramento de Amor.

Pertransiit beneficiendo!»

Albergue de Nossa Senhora do Rosário — No Pósto das verificações médicas — No Pavilhão dos doentes — A dedicação das servitas e dos hospitalários do Pósto — Homenagem da aviação — O reinado do Rei de amor.

Um dos acontecimentos que mais consoladoramente assinalaram o duodécimo aniversário da primeira aparição da Virgem aos humildes e inocentes pastorinhos foi, sem dúvida, a inauguração do Albergue de Nossa Senhora do Rosário. Construido graças à iniciativa do Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, esse edificio, grandioso e magnifico na sua arquitectura sóbria e majestosa, ali ficará a atestar a caridade ardente do illustre Prelado de Fátima, a magnanimidade do seu coração de Pastor, tam sensível às misérias físicas de tantos infelizes que acorrem à Lourdes portuguesa para obterem a sua cura d'Aquela que a Santa Igreja chama a Saúde dos enfermos e a Consoladora dos aflitos.

No Pósto das verificações médicas, transferido do Pavilhão dos «servitas» para o edificio do Albergue, desde a véspera que se está procedendo ao exame e registo dos doentes. De milhares deles que solicitaram a senha de ingresso no respectivo Pavilhão para assistirem à missa official e à bênção com o Santissimo Sacramento, apenas quatrocentos, os que se encontravam em estado mais grave, puderam ser atendidos.

Numerosos médicos prestam os seus serviços com uma dedicação inexcedível. Alguns são figuras das mais distintas do corpo clínico e cirúrgico português. Entre elles contam-se os seguintes: dr. José Maria Pereira Gens, da Batalha, director do Posto das verificações médicas, dr. Manuel Lopes Falcão, do Barreiro, dr. Augusto de Azevedo Mendes, de Torres Novas, dr. Luz Preto, de Vila Nova de Ourém, dr. Luís Espínola Martins, de Alcanede, dr. Jacob Pinto Correia, de Tremês, dr. Weiss de Oliveira, dr. Mello Breyner (conde de Mafra), dr. Eurico Lisboa, dr. Gabriel Ribeiro, dr. Alberto Madureira, de Lisboa, dr. Laureano Sardinha e dr. Joaquim José de Abreu, de Portalegre, dr. Cortês Pinto, de Leiria, dr. Luís Antunes Serra, de Faro, dr. Costa e Almeida, de Anadia, dr. José de Paiva Boléo, de Alvega, dr. Francisco de Mira Mendes, de Montemor-o-Novo, dr. Gualdim Queirós de Melo, de Sernache do Bomjardim e dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, de Louzada.

Entretanto, no Pavilhão dos doentes, onde estão reunidas algumas centenas de vítimas dos males mais graves que torturam a pobre humanidade, as preces mais fervorosas e as invocações mais veementes elevam-se para o Céu, a fazer violência ao Coração de Deus.

As «servitas», envergando batas alvinitentes, exercem a sua caridosa missão, sempre incansáveis no seu zelo, sempre cheias de solicitude e dedicação nas múltiplas e delicadas funções da sua actividade professional. Sentado numa cadeira, rezando o terço, que lhe pende duma das mãos, está um doente de meia idade, atacado de paralisia total dos membros inferiores. E' um advogado dos mais distintos do Alto Alentejo, há anos inutilizado para a vida do fóro pela sua immobildade forçada. Um sacerdote, que passa junto dele, vendo-lhe os olhos marejados de lágrimas, produzidas pela comoção, recomenda-lhe que tenha confiança na Santissima Virgem. Então dos lábios do enfermo saem estas palavras admiráveis que traduzem todo um poema encantador de Fé e resignação: «Não tenha pena de mim; sou felicissimo, porque não soffro nada ao pé de tantos aqui presentes que soffrem imenso».

A pequena distância, sentada noutro banco, vê-se uma senhora na primavera da vida — vinte anos de idade — pálda e abatida. E' D. Olímpia da Ascensão de Oliveira Matos, de Concavada (Alvega). Sofre há mais de dois anos de doença de peito. A sua confiança no poder e na bondade da Mãe de Deus trouxe-a a seus pés, no Santuário de Fátima. Alguém tenta confortá-la com palavras amigas. A resposta foi um pranto desfeito e um soluçar convulso, síntese amarissima de longos e dolorosos sofrimentos, apenas mitigados pelo bálsamo da resignação cristã.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário e os Hospitalários do Pósto, coadjuvados por escoteiros católicos de vários núcleos do país, continuam na sua faina incessante de transporte dos doentes. De vez em quando, durante a distribuição do Pão dos Anjos, o órgão faz ouvir as suas harmonias graves plangentes e o canto do Bemdito irrompe de mil peitos cheios de Fé e de amor. Ao colo duma criada entra agora no Pavilhão uma doentinha que aparenta ter quinze anos de idade. Colocada num banco da primeira fila do lado do Evangelho, benze-se devotamente, junta as mãos em attitude de súplica fervorosa e põe-se a rezar o terço, de olhos fitos na Imagem da Virgem.

Mais atrás, um venerando sacerdote da diocese do Pósto, acompanhado por dois irmãos, um deles cônego e o outro médico, toma o seu lugar entre outros doentes. E' o rev. do Hermano Amândio Mendes de Carvalho, de Vila do Forno, concelho de Louzada, paráltico há seis anos.

De repente, por sobre o vasto recinto das aparições, ouve-se o ruído dum motor.

Pereira dos Reis. De todos os pontos do vasto anfiteatro da Cova da Iria, literalmente coberto de gente, e das suas imediações, os peregrinos saúdam a Virgem, acenando com lenços. Dir-se-ia que um bando inumerável de pombas brancas tinha surgido como que por encanto das entranhas da terra e que tôdas ensaiavam os seus vôos a pequena altura antes de se juntarem e subirem para o céu.

Quando a sagrada Imagem assoma no limiar do Pavilhão, o entusiasmo sobe de ponto e rompe, irreprimível, em palmas, vivas e agramações à Virgem. Nenhum rosto está enxuto. A procissão seguiu-se o canto colectivo do *Credo*. Depois, o Senhor Bispo de Leiria, que entretanto se paramentara, sobe ao altar e principia a missa dos doentes. Durante a missa reza-se o terço do Rosário em voz alta, cantando-se à elevação um cântico piedoso, acompanhado a harmónio. No fim expõe-se o Santissimo Sacramento na custódia e, cantando um motete, o Senhor Bispo do Algarve, revestido de roquete e capa, procede à bênção eucarística dos doentes. Renovam-se então, mais uma vez, as scenas comoventes, que esse acto costuma provocar e a que não é possível assistir de olhos enxutos. Cantando o *Tantum ergo*, o venerando Prelado dá a bênção geral e, encerrado o Santissimo no Sacrário da Penitenciaría, sobe ao púlpito e faz uma tocante alocução.

«Aqui, estão, disse elle, aqui estão, ó Mãe querida, os vossos filhos estremecidos, os vossos filhos de Portugal! Estão aqui para cantar as vossas glórias, para celebrar os vossos louvores, para receber um sorriso do vosso coração maternal.



O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Algarve dando a bênção aos doentes. Pega à umbrela o Ex.^{mo} Sr. Governador-Civil de Leiria. No segundo plano vê-se o poeta Afonso Lopes Vieira, com as corleas de «servita»

E' um avião, que vem prestar as suas homenagens à Virgem e saúdar os peregrinos. A este sucedem-se muitos outros, que effectuam diversas evoluções no lugar sagrado, aproximando-se alguns deles bastante da terra. Das alturas caem no recinto do Santuário, como chuva do céu, flores e ramos de flores. Um dos aviões solta uma linda pomba branca que, depois de executar vários vôos por cima da Cova da Iria, foi pousar no telhado do lanço, nesse dia inaugurado, do Hospital-Santuário.

Outro avião despejou sobre a multidão milhares de prospectos, em que se proclamava a necessidade de se fazer reinar nas almas de todos os portugueses, nas famílias e na sociedade, o Coração do Divino Rei de amor, Rei dos indivíduos e Rei das Nações, que o Padre Matéo Crawley Boevoy, o Apóstolo pobrezinho, mas riquissimo de dons do Céu, veio há pouco pregar na nossa Pátria.

A procissão da Virgem — A missa campal — A bênção dos doentes — Alocução do Senhor Bispo do Algarve — A procissão final — Terno adeus de saúde.

Ao meio dia solar, eclesiásticos, servitas e escuteiros concentram-se junto do padrão popular comemorativo das aparições, afim de conduzirem e acompanharem processionalmente a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das missas. A Imagem é levada em triunfo através da multidão numerosa e compacta sob um chuva continua de flores.

A comoção é indescrevível. Vêm-se muitos olhos marejados de lágrimas. Entre os servitas que transportam o andor aos hombros, contam-se o Dr. Afonso Lopes Vieira, o coronel Patacho e o major

As curas maravilhosas — A parálitica de Louzada — Quinze anos de marfírio — Conferência de médicos — Duas grandes miraculadas — Scena comovente.

Extintos os últimos ecos das saudações à Virgem, começam a correr boatos de novas curas maravilhosas operadas durante as cerimónias officiais. Uma das pessoas curadas naquele dia encontrava-se nesse momento no Albergue de Nossa Senhora do Rosário, onde está instalado o Pósto das verificações médicas. Chama-se Emilia de Jesus Marques, tem trinta e dois anos de idade e é natural e moradora em Louzada, diocese do Pósto. Desde os quinze anos que é doente. Há cêrca de seis que estava de cama. A-pesar-do zelo e dedicação do médico assistente, dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, e dos tratamentos, longos e diversos, a que foi submetida, o seu estado, longe de melhorar, agravava-se cada vez mais. Raras vezes e quasi à força, na presença do médico assistente, consentia em tomar algum alimento. A sua magreza era extrema. A sua palidez parecia a dum cadáver.

Neste estado lamentável, resolve ir a Fátima, contra a opposição formal do médico, que tem a convicção absoluta de que essa resolução representa para a sua cliente uma sentença de morte ou, para melhor dizer, um verdadeiro suicídio.

A viagem, penosissima, fez-se no meio de dores inauditas, que lhe martirizavam o pobre corpo, já tão duramente provado pela longa e terrível enfermidade. Passou em Fátima as noites de onze para doze e de doze para treze. Foram noites intermináveis, sem descanso e sem alívio, duma agonia cruciante, de sofrimentos horribéis.

Conduzida numa maca pelos servitas para o Pavilhão dos doentes, às primeiras horas da manhã, aí se conservava à espera da missa dos doentes e da bênção eucarística solene, orando fervorosamente. A servita que lhe assistiu, D. Maria Reis e Silva, do Pedrógão de Tôrres Novas, assegura que ela parecia nesse momento uma defunta. Ao meio-dia solar, quando a Imagem de Nossa Senhora do Rosário, levada aos hombros dos servitas, assoma no limiar do Pavilhão, a pobre enferma sente o que quer que seja que, segundo ela dizia, não era capaz de explicar. As dores desaparecem-lhe como que por encanto, reconhece que lhe voltam a todo o lado esquerdo paráltico o movimento e a vida e tem a impressão de que pode caminhar desembaraçadamente. Depois da procissão final, dirige-se por seu pé, sem auxílio de ninguém, para o novo Pósto das verificações médicas. Alí, rodeada de pessoas de família e outras pessoas de amizade dá largas à sua alegria e ao seu reconhecimento para com a Virgem Santissima.

Vários médicos, que pouco a pouco vem chegando, examinam-na detidamente, até que chega o médico assistente, que se reúne em conferência com os colegas presentes a quem expõe minuciosamente a natureza da doença, as suas diferentes fases e os tratamentos empregados sem êxito. Entretanto entra na sala o Senhor Bispo de Leiria, que vem ver a feliz senhora e felicita-la pela grande graça recebida. Quasi ao mesmo tempo chegam duas das maiores miraculadas dos últimos tempos, D. Maria Margarida Teixeira Lopes, da casa de Pereiró, do concelho de Louzada, curada em treze de outubro de 1928, e D. Maria José dos Santos Nunes, moradora em Lisboa, na sua Carvalho Araujo, n.º 11, 3.º, curada no dia vinte e um de Fevereiro último. Dá-se então uma scena comovente em extrêmo. As duas miraculadas aproximam-se da nova privilegiada da Virgem bemdita de Fátima e abraçam-na affectuosamente, lavadas todas três em lágrimas de alegria e de reconhecimento.

Pouco a pouco, o local consagrado por tantas maravilhas divinas vai-se descongestionando. A noite cai lentamente. Alguns peregrinos retardatários fazem as suas despedidas à Virgem mostrando bem quanto lhes sangra o coração, ao apartarem-se, com a saúde na alma e as lágrimas nos olhos, daquela estância abençoada de graças e de prodígios. E pelas estradas além, do país inteiro, seguramente meio milhão de romeiros levam impressa dum modo indelével nas suas retiras deslumbradas a visão caleidoscópica dessas scenas empolgantes, sublimes, incomparáveis, que comovem e enlevam e hão-de comover e enlevar cada vez mais, sem embargo do despeito mal contido e do desespero impotente da impiedade, que a Rainha do Céu esmaga com o seu pé virginal, a alma de Portugal e a alma do universo.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Tumor.

Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sinto-me curada.

Com a maior consolação da minha alma, venho publicar duas graças extraordinárias que recebi por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.



MARIA ROSA FONTES

Há 2 anos, sofri uma tão grave doença interior que o distinto médico que me tratava, desanimando da minha cura, disse-me que eu precisava sempre de me tratar com cuidado, embora melhorasse e que certamente não voltaria a ser mãe — pois nessa altura, estando casada há 12 anos já Nosso Senhor me havia dado 4 filhinhos.

Durante o mês do Rosário do ano de 1927 recorri, com muita Fé, a Nossa Senhora do Rosário da Fátima rezando-lhe com particular fervor, o Terço todos os dias, e com muita devoção tomei a milagrosa água prodigiosamente nascida no local bendito das aparições começando logo a sentir melhoras e tantas, que ao contrário da previsão do próprio médico, depois dum intervalo de 7 para 8 anos sem voltar a ser mãe, quiz Nosso Senhor dar-me uma filhinha mais, que hoje tem 10 mezes — à qual puz o nome de Maria de Lourdes, em honra de Nossa Senhora.

Comecei depois a sofrer muito do peito direito que tinha um caroço bastante sensível quando se apalpava. Consultei o ilustre Medico bracarense Ex.mo Sr. Dr. João Leitão que me disse era necessário dar entrada no Hospital para fazer a extração do seio. Fiquei aflitíssima assim como meu marido, que é também doente! E como estivessemos a chorar muito, pedindo a Nossa Senhora para nos valer, pois só me custava deixar os meus Filhinhos na orfanidade, meu marido animou-me a recorrer uma vez mais a Nossa Senhora de Fátima que já me havia curado duma tão grande doença. Assim o fiz rezando também com os meus Filhinhos para que Nossa Senhora se dignasse atender as suas inocentes orações. Começámos uma Novena a Nossa Senhora da Fátima, cuja imagem temos na nossa pobre casa, e tomei da água milagrosa com muita Fé.

Ao terceiro dia da Novena senti durante a noite, uma estranha inquietação, uma especie de *tremura* que não me deixava dormir, mas, não sei porque, tanto eu como meu marido que até ali só tínhamos vontade de chorar, estávamos dominados por uma inexplicável satisfação íntima que não sabíamos compreender! Parecia-me que já nada sentia no peito, mas julguei que fosse ilusão minha.

Para maior certeza, logo de manhã chamei a minha vizinha e amiga Senhora Ana do Espirito Santo Torres, moradora na R. de S. Geraldo, n.º 48, e perguntei-lhe se realmente lhe parecia como a mim, que o meu peito já nada tinha. Esta, ao examina-lo e apalpá-lo cuidadosamente, começou a chorar de comoção proclamando o grande milagre que Nossa Senhora me havia feito!

Pensei logo em publica-lo para agradecer a Nossa Senhora uma tão grande graça mas não sabia como havia de fazer.

Por isso, só 4 dias depois se de haver dado a minha milagrosa cura é que fui procurar o Ex.mo Sr. Dr. Leitão para lhe dar parte do sucedido e pedir-lhe o atestado que juntamente remeto, e que assim, mais seguramente evidenciará o grande milagre que acabo de receber!

Prometi ir com meu marido a Nossa Senhora da Fátima agradecer-lhe esta grande e extraordinária graça, pois que durante a minha novena embora estivesse em Braga a rezar, o meu coração estava na Fátima, aos pés da Virgem no local das suas milagrosas aparições!

E por isso, não só lá vamos para tomar parte nesta peregrinação de maio, como também eu própria levarei esta narrativa da minha milagrosa cura para ser publicada no jornal a «Voz da Fátima» conforme prometi, pois, Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sinto-me curada!

Maria Rosa Fontes, casada com Lourenço d'Oliveira Machado, sapateiro, — moradores na Rua de S. Geraldo, n.º 77, da cidade de Braga.

ATESTADO MÉDICO

Dr. João Leitão, medico pela Universidade de Coimbra, declaro que tendo procedido a exame clinico da doente Maria Rosa Fontes, verifiquei que a mesma era portadora dum tumor do seio direito, de forma irregular, aderente á pele mas sem retração do mamilo, com rebato azil largo. A doente na ocasião em que a vi não apresentava temperatura, mas dores espontaneas naquele suposto tumor.

Como não pudesse fazer um diagnostico definitivo e diferencial entre um tumor maligno do seio (falta de retração do mamilo, etc.) e um tumor benigno ou simples nifamação (falta de temperatura neste caso, etc.) aconselhei um tratamento resolutivo com compressas quentes, dizendo mais que, se não houvesse melhoras, talvez fosse necessaria a amputação do seio.

Contra toda a expectativa, ao fim de tres dias tudo havia desaparecido sem deixar o menor vestigio. Julgava que a dar-se qualquer modificação ela só se pudesse dar dentro de quinze a vinte dias e contudo ao fim de tres nada havia de anormal.

Braga 4 de maio de 1929.

(a) João Leitão

OUTRO CASO

O *Jornal de Notícias*, do Porto, publicou em 16 de maio último o seguinte:

EM PENAFIEL

O milagre de Nossa Senhora de Fátima anda em todas as bocas de Penafiel. Não se fala noutra coisa!

Diz o João, um bom velhote que, de ha muito, guarda a porta da Misericórdia:

— De manhã até à noite — vem aqui «o poder do mundo». Todos querem vêr, todos querem falar à miraculada Maria!

O pobre homem, fraco e velho, vê-se em sérias dificuldades. A multidão agrupa-se, incessantemente, no adro do Hospital. Todos querem vêr de perto o grande milagre. E a fé em Nossa Senhora de Fátima, que arde no coração de todos os Portugueses, robustece-se — torna-se maior!

Descemos ao Hospital na companhia amavel e obsequiosa do seu provedor, sr. Antonio José de Freitas Guimarães. Acompanhava-nos o sr. Horacio Pinto. A miraculada está em cima, numa enfermaria do primeiro andar. Sala enorme, clara e limpa. Um leito estreito. Estendida, mãos afiladas, perfil esguio, — a doente. Tem uns olhos enormes, profundos, uns olhos de cândida ternura — que vêem para além d'êste mundo, que dissecam e confessam almas.

O provedor diz-lhe carinhosamente quem somos.

— E dos jornais? Eu sofria muito! Nem sei como ha dôres tão fortes! Como se pode sofrer tanto! Aprendi, sofrendo, a crer mais em Nossa Senhora! Sem o seu auxilio — teria perdido a paciência!

A sua voz é um cicior de préce.

— Estava doente ha dez mezes. Não podia comer — o meu estomago não recebia um «cibo» de leite. Vomitava a todos os instantes. Nos ultimos dias, sem nada no estomago, golvava postas de sangue.

— Sofria?

— Duma ulcera no estomago.

— E sente-se melhor?

Radiante:

— Melhor? Renasci! Voltei para a vida — tenho saude, estou quasi boa — Já como — e como de tudo. Ontem comi sável, pão, ovos. — o que me apeteceu. E tudo o meu estomago aceitou sem relutância! Estou forte — sinto-me outra vez mulher!

— A que atribue o seu estado?

Quasi ofendida:

— A quem? A Nossa Senhora de Fátima! Eu e meu irmão, o abade de Milhundos, resamos-lhe uma novena. Comunguei quasi todos os dias! E rezava-lhe a todos os instantes! Meu irmão arranjou que me mandassem água benta de Fátima. Fiz as minhas orações com essa agua. E estava certa que Nossa Senhora me havia de atender! Atendeu-me, como vê!

O relato da enfermeira

A «miraculada» de Penafiel é uma senhora viuva, de origem modesta. Chama-se Maria Pacheco Alvarinho, tem dois filhos — um, o Jaime, de 12 anos, vive com o avô materno, o outro, o Antonio, de 14 anos, é pupilo do tio, o abade de Milhundos, e estuda no Seminario de Vilar, desta cidade. A s.ª D. Maria Pacheco Alvarinho é ainda nova — tem 35 anos. Rosto de candura e de bondade. A enfermeira que a trata, uma religiosa de refulgente simplicidade, conta:

— A religiosidade da sr.ª D. Maria impressionou-nos sempre. É uma alma cheia de fé. Entrou para o Hospital em Julho do ano passado. Esteve três meses — de Julho a Setembro — menos mal. Desde então — peorou. Ao começar d'êste ano — o seu estado assustou-nos. Não comia nada — e vomitava sangue, constantemente. Causava dó! A sua resignação compungia-nos! Para ela — tudo ia bem, tudo! Era preciso fazer a vontade de Nossa Senhora! Jesus, Rei dos Reis, sofrera mais!

Depois duma pausa:

— Há oito dias — o seu estado tornou-se alarmante. Nem sequer o leite consentia no estomago! Nada absolutamente nada! Só tinha forças para rezar! Na noite de 13, depois da partida do irmão para Fátima, ficou tomada de intenso fervor. «Nossa Senhora não veio ter comigo, irei eu ter com ela!»

O irmão apazara-lhe uma hora para a oração da noite — as onze horas! Improvisamos, na sala da enfermeira, uma procissão de velas... A fé com que resámos! A imensa fé! D. Maria, mãos afiladas e trémulas rezava também: «Nossa Senhora de Fátima, ouvi-me, ouvi meu irmão!...» Chorava... Todas nós chorávamos. A's onze horas deu um grande grito. Caiu desfalecida. Pensamos — A pobresinha morreu em Cristo! Soergueu-se, depois. Golvava sangue. Sangue coagulado, em postas. «Vai morrer!» — dissemos. Ele sorriu-se: «Nossa Senhora está comigo. Meu estomago, lavado com sangue, vai ficar curado!» Sorria sempre. Demos-lhe um injeção de morfina. Acalmou.

«De manhã, muito alegre, levantou-se na cama, coisa que nunca fazia, e pediu de comer! De comer! — acentuou a enfermeira, muito surpreendida.

— Deram-lhe de comer?

— Pão e leite. Quiz manteiga... Barramos-lhe o pão com manteiga. A' tarde — pediu um prato cosinhado. E comeu sável, carne, o que quiz!

Num comentario que traduzia o seu reconhecimento a Nossa Senhora:

— Comeu de tudo, o que quiz e como quiz! Comeu sem regra — com grande jubilo nosso!

Termina:

— A sr.ª D. Maria não dava, ha três dias, acôrdo de si. Os médicos tinham-na desenganado. Esperavamos a todo o momento um desenlace fatal. O que aconteceu — foi um grande milagre de Nossa Senhora de Fátima!

Em casa do Abade de Milhundos

O P.º Angelo Pacheco, abade de Milhundos, irmão da «miraculada» Maria Pacheco Alvarinho, é um sacerdote muito novo, culto e distinto, de maneiras modestas e perfil simpático. De principio — escusa-se aos pormenores:

— Não sei se se trata dum milagre. Para mim — é já grande milagre o estado de minha irmã. Deu-se nela como que uma ressurreição!

Simplesmente, sem rebuscar os termos, conta:

— Minha irmã sentiu-se mal em meados do ano passado. Queixava-se muito do estomago. Procurei no Porto o sr. dr. Lopes Rodrigues, director do Hospital de

Santa Maria, que foi de opinião que a devíamos submeter à radiografia. O tempo passou. Entrementes, agravado o seu mal, fomos obrigados a interná-la na Misericórdia de Penafiel.

— Depois?

— Minha irmã tem fé — muita fé! Desenganada dos médicos, vivendo num regimen de injeções — sucumbiria, é minha crença, à intoxicação da morfina se não sucumbisse aos seus padecimentos do estomago! — voltou-se para Nossa Senhora de Fátima. Rezou muito. Acompanhei-a numa novena. Depois consegui que me mandassem de Fátima um pouco de agua benta. Fiz nova novena, utilizando essa agua. O seu estado agravava-se — com espanto de todos os que sentiamos as suas dores!

Comovido:

— Minha irmã chorava. Devia sofrer horrorosamente. Por vezes gemia. Os seus gemidos dilaceravam-me. Tentava justificar o seu estado: «Não tenho resignação, não tenho paciência, Nossa Senhora não se condee de mim!» Procurava consolar-se: «Nossa Senhora, vindo-me com paciência, ha-de ouvir-me!» Lembrei-me então de ir a Fátima. Falei-lhe nisso. Ficou radiante. «Vai, vai tu, Angelo, vai ao encontro da Virgem Santissima!» Disse-lhe: «A's onze horas da noite do dia 13 — dia da aparição de Nossa Senhora! — rezarás no teu leito. Tomarás uma vela nas tuas mãos — e, espiritualmente, associar-te-hás à procissão das velas. Nossa Senhora ha-de ouvir-nos!» Abraçou-me. Os seus olhos fulguraram: «Nossa Senhora vai atender-me no dia 13. Quando vieres — estarei curada!»

O abade de Milhundos, que não escondia as lagrimas, termina.

— Sei que a essa hora — onze da noite do dia treze — minha irmã rezou. As suas mãos, amparadas pelas mãos carinhosas das enfermeiras, ergueram as velas sagradas. Na enfermaria — improvisou-se uma pequena procissão. A Misericórdia de Penafiel continuava a grande e mística parada de Fátima. Portugal erguia-se em massa, erguendo para o céu, aflitivamente, os braços suplicantes!

Depois dum ligeiro descanso:

— Sabe o resto... Minha irmã, às onze horas sentiu um dôr estranha. As enfermeiras afligiram-se muito. Teve só uma frase, dita com grande calma — «Soceguem, meu irmão está com Nossa Senhora, Nossa Senhora está comigo!»

AGRADECIMENTO

Manuel Carreira Franco, das Brancas, freguesia da Batalha, estava de tal modo doente com uma pleurezia, em 18 de julho do ano passado, que a familia já pensava em dispor tudo para o enterro. Nesta altura a esposa do mesmo, vendo o marido a dar o último suspiro, recorreu a N.ª Senhora da Fátima e conseguindo obter água de Fátima fez com que o doente engolisse alguma enquanto resava três Avé Marias, podendo tambem por êle os visinhos. Nessa ocasião começou a recuperar a saúde, apesar-de já estar desenganado dos medicos, e agora vem agradecer a N.ª Senhora.

O mundo é assim...

Um padre desembarca numa estação e um carregador se oferece para conduzir-lhe a maleta.

O padre recusa-se.

— Vê, diz o carregador, que miseravel! — carrega a mala somente para não perder dez tostões...

Quivindo, isso, o padre entregou-lhe a maleta.

Mais adiante, um sujeito vendo isso, grita:

— Vejam, que preguiçoso! Que fidalgo! Pois não podia ele mesmo levar esta maleta?

Sempre a mesma historia do velho, do rapaz e do burro!

Mas é assim mesino. Os inimigos da religião repetem a câda instante essa anedota da maleta.

Se o padre se ri, é devasso, se fica serio, é hipócrita, se corrige, é mau; se não corrige, pactua com os vícios; se anda pobremente vestido, é um usurario, um sovina. Como é solteiro, querem que se case; se fosse casado apregoariam o celibato, etc., etc.

Por quê?

Jesus já o anunciára: «O mundo vos odeia, porque não sois do mundo; se fosseis do mundo, amar-vos-hia. Primeiro do que a vós, a mim odiaram».

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	152.810\$50
Papel, composição e impressão do n.º 80 (100.000 exemplares)	5.230\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despesas	1.181\$10
	159.271\$60

Subscrição

(Março de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal durante um ano: Rufina de Jesus Marques, Carolina Maria da Fonseca Marques, Ester Cabral Neves (13\$00), André Avelino Chichorro Marcão (20\$00), Maria Augusta Santiago (15\$00), donativos de Ilhavo, 25\$50; Francisco Ribeiro Baptista Montes, Maria Teresa A. R. Teixeira, P.e Francisco Valente, P.e Rodrigo Luiz Tavares, Adelaide Mendes da Silva (15\$00), Maria do Carmo d'Almeida Menezes, Maria do Rosario de Matos Dias (25\$00), Maria Mesquita da Silva (20\$00), Eloy Castanha (15\$00) Ana Valente Cardoso, Arminda Adelaide Pereira Pinto, Matias Manuel Francisco Malheiros, José Julio Pinto Ribeiro, Carolina de Souza Machado Mariz, Baroneza d'Alvaiasere (20\$00), Clementina Maria Reis e Silva (20\$00), Manuel V. Dias (20\$00), Joaquim Francisco Veloso, Rosa Alves Neves, Maria Jesuina Gonçalves Mourão (20\$00), Teodolinda Freire, Maria Rosa Barbara Falcão, Maria Joaquina Barbosa Falcão, A. A. Falcão d'Oliveira, Ana Branco Teixeira, Angelica Pereira, Sofia Carvalho, Mariana Vilar, Carolina Serrenho de Souza, Filomena da Veiga Moniz (20\$00), Maria do Rosário Frazão, Hermano de Sousa Dias, Maria Silvano Soares, Deolinda Charters, Francisco d'Almeida Valerio, Celeste Ferreira Costa, P.e Manuel Pereira d'Oliveira (15\$00), Arminda Santos (20\$00), Manuel Francisco Cabral, Elvira da Gloria Costa Correia, Faustina M. C. Mourato (12\$00), Maria da Conceição Fontes (30\$00), Maria da Assunção de Castro e Lemos Bianchi, Maria da Conceição de Gouveia de Castro Lemos, Eugénia Reis, Amelia Pereira Amaro (15\$00), João Lopes Laranjeiro, Maria Henriqueta Leal Sampaio, Ermelinda Paquete Silva (20\$00), Eliza Freitas, Alfredo Ferreira da Nobrega (12\$00), José Pereira de Nobrega (12\$50), Margarida Botelho Chichorro Marcão, Mary Ferro Lobo de Moura, Carlos Batalhoz de Vilhena Barbosa, Maria Frago Mendes, Cecilia Castro Pereira, Beatriz de Viveiros Pereira (20\$00), Teresa de Jesus Ferreira Marques, Conego Dr. Antonio Maria de Figueiredo, Gloria Pereira, Maria da Piedade Calado, José Farinha Tavares, Ovidio Brito, Maria Pires de Oliveira Jesus, Maria de Lourdes d'Albuquerque, P.e Antonio Correia Ferreira da Mota (20\$50), José Gonçalves d'Azevedo, Laura dos Santos Souza, Felix Ferreira Alves, Antonio Pais (20\$00), Viriato Pimentel Cordeiro, Ana Marta do Rego, Elisa de Lourdes Mesquita (15\$00), Manuel Pedro Lopes, João Ferreira da Costa Bettencourt (25\$00), Maria Teodora Ferreira (25\$00), P.e João Luiz Lourenço Loução, Egidio Pedro Ferreira Barbosa, Georgina Ramos Lopes (20\$00), Efigenia da Costa Pinto, Maria Joaquina Ramos, Luiza Rodrigues Alves Calvão, Maria da Encarnação Carvalho, P.e José Augusto da Costa, João do Livro, Manuel Alves, Angelina dos Santos, Antonio Simões, Cipriana Franco, Jayme dos Santos Rodrigues, Maria Joana de L. S. Pereira de Lacerda (20\$00), M. Branca Martins, Palmira Veiga de Souza, Adelina Mendonça dos Anjos (40\$00), Gertrudes Rego Cordeiro, Jorge Lopes Marques (50\$00), José Cristovão Ourein (20\$00), Maria dos Prazeres de Gouveia Osorio Pereira de Melo (30\$00), Manuel Marcelino, Artur A. F. Borges (20\$00), Angelina da Conceição Martinho (15\$00), Antonio Ferreira Aveiro, Augusto d'Azevedo (20\$00), José Raimundo dos Santos Junior (47\$50), Deolinda Pinto de Almeida Rego, Manuel Pinto Moreira, Maria da Conceição Fernandes, Maria da Gloria d'Abreu Fonseca, Laura Pinheiro, P.e José Gonçalves Leitão (30\$00), Virginia Alves Campos, P.e Gerardo Abilio Gomes de Pira (17\$50), Maria José Vicoso (20\$00), Francisco Ferreira Vicoso (20\$00), Maria de Lourdes Climaco Reis, Maria da Conceição Faria (12\$50), Francisco Pedro Carvalho (15\$00), Fernando Martins Pereira (15\$00), José Correia (15\$00), João Maranhoto, Mario Bairros (15\$00),

Luiza Maria Ribeiro de Almeida, Sebastião Henriques (15\$00), Filipe Cesar Goes (20\$00), Guilhermina Onofre, Alice dos Santos Morgado (20\$00), Izabel da Costa Oliveira, Maria das Mercês Henriques viuva de Antonio Neves da Silva, Maria Eugénia Fonseca, Manuel Rodrigues, Jeronimo Ferreira, Antonio Maria Henriques, Teodoro Henriques, Quiteria da Assunção Monteiro, Alice Cardoso Pereira de Portugal, Maria Luiza da Rocha Ferreira, Maria Zuzarte de Mascarenhas, Soror Maria de Nery Barreto (20\$00), Amelia de Jesus Garcia, Maria de Icurdes Salazar, Maria da Conceição Amotim, Maria de Lourdes Abranches, Maria da Penha Rocha, Gillete das Neves, Guilhermina Correia, Manuel de Sá Alves, Maria Ludovina de Meirelles.

Donativos na distribuição de jornais: Ana da Conceição Neves, 300\$00; Maria José Ferreira Paulino, 500\$00; Eliza Teixeira Canêdo, 50\$00; Maria Teixeira Amorim, 100\$00; Dr. Roberto Luiz Monteiro, 30\$00; Manuel Esperto Junior, 50\$00; Maria Pereira da Costa, 50\$00; Sofia Pires Neves Teixeira, 50\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 55\$00; José Maria da Costa Oliveira, 185\$00; Sinforiano Lucas, 50\$00; Teresa B. Forte, 130\$00; Maria Joaquina da Silva Angela, 110\$00; Idalina Ribeiro Soares, 120\$00; P.e Manuel Marinho, 100\$00; P.e Antonio André de Lima, 100\$00; Beatriz Fiusa Costa, 50\$00; Maria Fernanda Santos, 50\$00; Manuel Maria Lucio, 50\$00; Josefa de Jesus, 12\$25.

Donativos e distribuição de jornais:

José Dias Vieira, 40\$00; Brites Alves Andorinha, 80\$50; 53 assinaturas cobradas por Georgina Moraes Silva, 530\$00; P.e Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, 58\$00; Dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, 50\$00; Teresa Amorim Cunha, 50\$00; Maria José Ferreira Paulino, 100\$00; Leonardo dos Reis Baião, 30\$00; Joaquim de Sousa Guerreiro, 50\$00; José Martins da Cunha Viais, 80\$00; Angelina da Conceição—S. de Matos Louzada, 100\$00; Luiz Pereira de Lencastre e Menezes, 100\$00; Maria José Ventura Lourenço, 50\$00; José Dias Alão, 100\$00; Maria da Glória Seabra, 50\$00; Ana do Patrocínio Neves, 50\$00; Anselmo Alves Borges, 189\$20; Manuel da Silva Matias, 63\$00; José Ferreira, 43\$00; Maria Rosa Magro, 75\$00; Prior do Campo Grande, 115\$00; Maria Filomena Chichorro Marcão 50\$00; Elvira Ramos Dias, 50\$00; Rosalina Pereira Bastos, 50\$00; P.e Francisco Carlos Nunes, 100\$00; P.e Joaquim Lopes Seixal, 100\$00; Maria das Dores Tavares e Sousa, 80\$00; Alexandrina Marques, 140\$00, Beatriz Valente, 75\$00, Maria Matilde da Cunha Xavier, 59\$75 e Noémia Rolo, 10\$00.

Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Nos estatutos desta bela associação cujo fim primário é levar seus membros a trabalhar com a palavra, com os exemplos e com orações pela conversão dos pecadores, no artigo 2.º n.º 3.º leem-se estas palavras que todo o bom confrade deve fazer por praticar: «Esta confraria tem por fim promover o cumprimento dos preceitos da Santa Igreja especialmente quanto ao domingo e dias santos».

Lembra-te de santificar o meu dia, disse o Senhor ao seu povo. A mesma recomendação nos é feita a nós e com toda a razão pois que nestes tempos, quasi já por toda a parte este preceito do Senhor é desprezado por muitos, que apesar disso, se dizem cristãos!—Que feio não é faltar assim ao preceito de Nosso Senhor! Houve um pai cujos trabalhos rendiam por semana sete libras. Esse Pai tinha diversos filhos e á medida que ia recebendo o fruto de seus trabalhos ia-o distribuindo por seus filhos e para ele proprio só queria o rendimento do ultimo dia, e queria-o, para com ele beneficiar seus próprios filhos! Mas esses filhos ingratos e perversos, não contentes com as seis libras que seu Pai semanalmente lhes dava tinham o atrevimento de lhe roubar aquela que ele queria para si!

Semelhante figura, confrades de Nossa Senhora, fazem aqueles que roubam a Deus o dia que Ele destinou para si. Nosso Senhor é o maior trabalhador, porque durante todos os momentos desde a

eternidade ele está operando obras extraordinárias na ordem da natureza e da graça. Durante a semana a actividade de Deus faz com que na natureza se sucedam sete dias; pois dentre eles Nosso Senhor dá-nos seis para tratarmos dos negócios da nossa vida temporal e para Ele apenas exige um — o domingo —, e até esse que exige para si é para nele dum modo particular nos encher de favores!...

Fazem por conseguinte muito má figura e mostram que não amam a Deus aqueles que lhe roubam os domingos, não indo á missa e trabalhando neles como em qualquer outro dia da semana. E quão triste não é para nós quando ao passarmos pelas ruas das nossas cidades ou pelos campos das nossas aldeias aos domingos, vemos os povos ocupados na labuta da vida como nos outros dias da semana!

Nosso Senhor foi o primeiro trabalhador, pois ainda nada havia e Deus já tinha em seis dias mais ou menos longos creado o sol, a lua, as estrelas, as plantas, as aves, os animais e os homens, e, no fim destas admiráveis obras, o Verbo descansou e agradeceu a Deus seu Pai!

Nobre exemplo a todos os cristãos de aqui o Senhor nosso Deus;—deu-nos o exemplo do trabalho e o da piedade para com Deus. E' necessário convencer-mos bem disto:—ninguem enriquece com o trabalho que fizer ou mandar fazer ao domingo.

Eu fecharei as nuvens, diz o Senhor por um dos seus profetas, por sobre os campos dos profanadores do meu dia, de tal maneira que esses campos tornar-se-hão duros como o bronze e só produzirão espinhos e abrolhos.

Não quere isto dizer que Deus quando manda suas águas regar os campos dos justos as impeça de cair nos campos dos profanadores dos domingos, mas isto significa que os trabalhos feitos ao domingo hão-de ser infrutíferos porque Deus — ou fará com que elles nada produzam, ou, por outros castigos, fará com que essas pessoas percam aquilo que julgam ter ganho com o trabalho do domingo.

Vêde, pois, caros confrades da Virgem de Fátima, quanto de bom podeis fazer ás almas e até aos corpos das infelizes creaturas que desprezam este preceito de Deus e da Igreja!... Um bom conselho, um bom exemplo, uma oração dirigida á Virgem Santíssima por essas almas, terá como consequência a emenda dessas pessoas, o aumento da manifestação da gloria de Deus e da felicidade eterna para essas almas que, sem a vossa cooperação talvez fossem cair nos abismos infernaes.

Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

Um dote de noiva

—Quais são os dotes da tua noiva? perguntou certo filosofo a uma rapaz de Atenas, que viera comunicar-lhe o seu noivado.

—E' bela, respondeu o rapaz.
—Então escreve no papel uma cifra.
—E' de familia distincta.
—Escreve duas cifras.
—E' rica.
—Escreve três cifras.
—E' muito instruida.
—Escreve quatro cifras.
—E' desembaraçada e activa.
—Escreve cinco cifras.
—Não é ambiciosa.
—Escreve seis cifras.
—E' muito religiosa e dotada de grande piedade.

Ao ouvir isto, o filosofo disse: —Então, põe o número 1 deante de todas essas cifras: terás um total de um milhão.

AVISO

Pedimos aos presados assinantes em dívida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidades, do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assinantes que nos tem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

Um encontro na rua

—Vai chamar o médico, sr.ª Martinha?
—Não, sr.ª Cecilia, mas não me posso demorar nada, nada!
—Logo me pareceu que ia com muita pressa. Ainda bem que não é coisa de cuidado...

—Tenho de partir para Fátima daqui a poucas horas e ainda nem sequer almocei.

—Ah! vai a Fátima! Como é feliz! Boa viagem lhe deseje.

Mas não é a primeira vez, julgo eu.

—Não é, não: já lá fui 2 vezes.

—Como está com pressa, vou indo consigo para irmos conversando, e voltarei pela rua do norte para minha casa.

—Se já lá foi duas vezes, deve ter sentido aumentar a sua fé, porque Nossa Senhora melhora as almas e os corpos dos que lá vão com boa intenção.

—Oh! sinto-me outra, sinto!

Mas... nunca a vejo na nossa igreja, e hoje, que é domingo, também a lá não vi!

—Não costume ir lá não. Não tenho vagar...

—E nem se confessou na quaresma?

—Fiz a 1.ª comunhão, há muitos anos, mas não tornei lá. Ouço dizer mal dos padres, e da confissão...

Mas Nossa Senhora bem sabe que eu sou religiosa a valer! Se fôr a minha casa, verá até uma lamparina acesa diante de Nossa Senhora!

—Ai! filha! que tristeza deve causar á Virgem Santíssima essa sua religião sem Mandamentos nem Sacramentos!!

Que má compreensão da religião!

Nosso Senhor deixou que Sua Mãe Santíssima viesse a Fátima, para nos acordar, para nos chamar ao cumprimento da lei de J. Cristo! Sem cumprir as leis da Igreja, não poderemos agradar a Nossa Senhora de Fátima.

Ela gosta muito de nos ver em Fátima, mas ainda gosta mais, muitíssimo mais, de nos ver na nossa igreja parochial a cumprir os Mandamentos e a receber os Sacramentos.

Vale mais nunca ir a Fátima, e cumprir os preceitos de Deus, do que ir lá cem vezes e nunca mudar de vida!...

Não lhe quero tomar tempo. Volto já para minha casa, e cá hei-de pedir a Nossa Senhora de Fátima que desta vez a não deixe sair da Cova da Iria sem vir resolvida a praticar a fé, que diz sentir aumentado em si. Fé sem obras, é fé morta!

Adeus, até á volta.

Boa viagem lhe deseje.

12 de Maio de 1929.

Rita

O DESCRENTE E SEU FILHO

—Onde vais?
—Vou á missa, papá, porque hoje é domingo.

—A missa! Ora deixa-me essa tolice para as mulheres, e vai antes passear.

—Mas diz lá o professor no colégio, que devemos guardar os mandamentos.

—Pois eu direi ao casmurro do teu professor que te os não ensine.

—E também me não ha de ensinar o mandamento que manda honrar pai e mãe?

A esta observação o livre pensador entrou em si, depois abraçou o filho, deixou-o ir á missa e passado pouco tempo, ele mesmo o acompanhava a cumprir o preceito.

Feliz aquele que em si tem um ideal de beleza e que lhe obedece; ideal da arte, ideal da sciência, da Patria, ideal das virtudes do Evangelho. Ali estão as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções.

Pasteur